A evolução da pecuária de corte no Brasil

ALCIDES DE MOURA TORRES JR. *,
FABIANO R. TITO ROSA** e MARIA GABRIELA O. TONINI***

A pecuária bovina de corte, no período colonial, era explorada como atividade de subsistência. A carne salgada alimentava as famílias, e o couro era usado para a confecção, principalmente, de acessórios de lida. Fora isso, a força dos bovinos era empregada no trato com a terra, no carreto e na movimentação de engenhocas da época.

Ao longo dos anos, a atividade foi se expandindo para o interior do País, graças à concorrência com a cana-de-açúcar na ocupação das faixas litorâneas, ao custo de produção relativamente baixo e aos incentivos do governo para a expansão do agronegócio e ocupação do território nacional.

Em meados do século passado, após anos de importação e seleção de reprodutores europeus, começaram a desembarcar no Brasil os primeiros animais zebuínos, que se adaptaram perfeitamente às condições brasileiras. Na década de 70, chegaram os capins do gênero Brachiaria spp, resistentes às adversidades climáticas e pouco exigentes quanto à fertilidade dos solos. E aí a pecuária pôde ocupar também os cerrados. O boi chegou a todos os cantos do País.

Além de todas essas facilidades, outro atrativo foi de fundamental importância para que a pecuária se expandisse de forma consistente, estando presente hoje em cerca de 20% do território nacional, ocupando pouco mais de 70% das áreas de exploração agropecuária: a alta liquidez.

Mas foi nos últimos dez anos, no entanto, que a pecuária de corte registrou os avanços mais significativos. O rebanho, por exemplo, cresceu 21%. É o segundo maior do mundo, atrás apenas do indiano.

Para 2004, se considerou:
1. Uma retração de 2% para o rebanho bovino, em função do abate de matrizes, por conta da fase de baixa do ciclo pecuário. Algo semelhante ocorreu entre 1995 e 1996.
2. Áreas de pastagens do Brasil de 171,4 milhões de hectares; um recuo de 4,3% em relação a 2001.

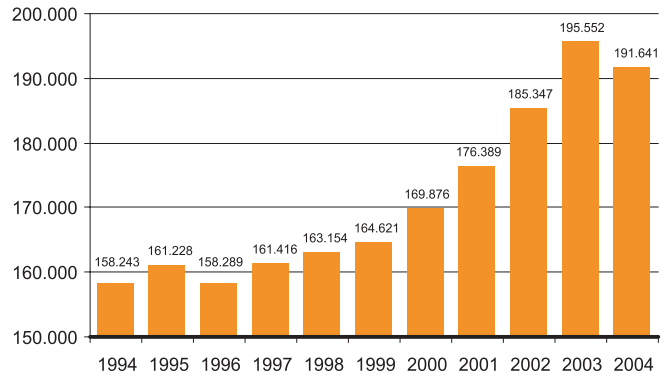
De 1994 a 2004, a produção de carne bovina no Brasil aumentou 40%. A maior produção em menos pasto reflete incorporação de tecnologia. Nesse período, os números do rebanho bovino nacional superam o mundial em crescimento (22% contra 11%), abate (55% contra 19%) e produção (40% contra 20%).

De 2002 a 2004, o número de bovinos confinados passou de 1,5 milhão para 1,85 milhão de cabeças, um aumento de 23%. Já o número de cabeças semiconfinadas cresceu 27%, passando, no mesmo período, de 2,54 milhões para 3,22 milhões.

Na década de 80, quando a inflação era alta, com pouco confinamento, a diferença dos preços pagos pelo boi gordo em São Paulo na entressafra (média entre outubro e novembro) em relação à safra (média entre abril e maio) ficou próxima de 18%. Entre 2000 e 2004, a média foi de 12%, sendo que, em 2003, foi de apenas 3%.

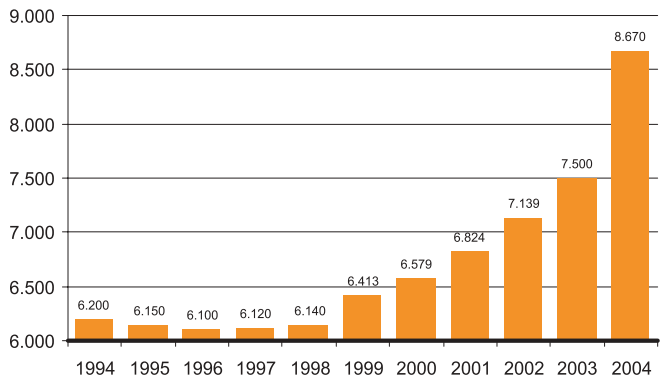
O consumo de carne bovina no Brasil também aumentou. Em 1994, era de 5.502 mil toneladas de equivalente-carcaça, chegando em 7.031 mil toneladas em 2004; um crescimento de quase 28%. Os números são da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Brasil: Rebanho bovino em mil cabeças



Fonte: IBGE / Scot Consultoria estimativa 2004

Brasil: Produção de carne bovina em mil toneladas equivalente carcaça



Fonte: USDA / Conab

A produção cresceu de forma mais consistente do que a demanda. Isso porque o consumo per capita de carne bovina, atualmente próximo de 38,7 kg, não evoluiu na mesma toada, em função da concorrência com o frango. De 1994 a 2004, cada habitante do Brasil passou a consumir mais 3,7 kg, ou 44% a mais de carne bovina. No entanto, a demanda por carne de frango, no mesmo período, aumentou 72%, ou 13,7 kg.

Brasil: evolução dos índices zootécnicos da pecuária de corte

Índices	1994	2004	Variações %
Natalidade %	50	60	20
Mortalidade até a desmama %	10	8	-20
Idade da primeira cria - anos	5	4	-20
Abates - Anos	5	3,5	-30
Lotação - UA/ha	0,5	0,7	40
Desfrute %	16,5	21	27

Fonte: Estimativas da Scot Consultoria

O consumo interno relativamente reprimido e os problemas sanitários enfrentados por alguns dos grandes exportadores de carne bovina, entre o final da década de 90 e início do ano 2000, sustentaram o crescimento brasileiro no mercado internacional.

O Brasil atende a mais de 140 mercados, sendo, em volume, o maior exportador de carne bovina do mundo, posição alcançada em 2003. Será difícil fazer frente ao Brasil nos próximos anos.

Se os números absolutos variam de acordo com a fonte, o importante é observar a tendência. As exportações de carne bovina do Brasil aumentarão cerca de 14% até 2014. Somente os Estados Unidos tendem a registrar um avanço extraordinário, por conta da recuperação de mercados pós-crise do mal da vaca louca. Ainda assim, isso não deverá ameaçar a posição brasileira.

Algumas ponderações, no entanto, precisam ser feitas. A expectativa apresentada é de uma taxa de crescimento de pouco mais de 1,5% ao ano. Convém chamar a atenção para o fato de que somente de 2003 a 2004 as exportações brasileiras de carne bovina cresceram 41%. Portanto, as vendas externas devem continuar aumentando, mas num ritmo significativamente menor.

O consumo per capita de carne bovina no mundo, assim como acontece no Brasil, está praticamente estagnado. Nos últimos anos, ocorreram aumentos significativos no consumo de carne bovina em alguns países, mas, em geral, por conta do crescimento da população. Além do mais, a economia mundial cresceu muito nos últimos anos, o que ajudou as vendas externas. No entanto, para os próximos anos, a tendência é de acomodação.

Diante de um mercado cada vez mais competitivo, pode-se antever que será preciso oferecer algo novo e/ou com apelo forte, para sustentar o crescimento das vendas. Neste quesito, o Brasil tem uma boa vantagem, pois pode explorar as características da carne "verde" e magra. Mas isso tem que ser feito com competência.

Provavelmente, o USDA não considera a possibilidade de o Brasil conquistar algum dos grandes mercados ainda não atendidos pela nossa carne in natura, como os próprios EUA, o Japão, a Coréia do Sul e Taiwan. Cerca de 61% dos mercados mundiais (em faturamento) estão fechados para a carne in natura do Brasil, em função da febre aftosa.

Apesar de o Brasil ter a maior zona livre de febre aftosa com vacinação do Planeta, congregando mais de 166 milhões de cabeças bovinas, os maiores importadores não aceitam o critério de regionalização preconizado pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), que determina que uma nação pode ter áreas livres da doença, passíveis de exportação, e áreas não-livres. Os grandes importadores preferem comprar carne de países totalmente livres de febre aftosa, e sem vacinação.

Esta limitação contribui para que o preço pago pela carne bovina do Brasil seja um dos mais baixos do mundo, até 2 ou 3 vezes menor do que o alcançado, por exemplo, pelo Uruguai e pela Austrália.

Vejamos a evolução dos preços médios da carne brasileira exportada, segundo o índice FAO. Observe que o preço médio do Brasil recuou ao longo dos últimos anos. É verdade que se recuperou de 2003 para 2004, mas não é possível saber ainda se isso aconteceu em função do enxugamento do mercado, por conta da crise do mal da vaca louca nos Estados Unidos e da seca na Austrália, ou se já é fruto dos trabalhos de promoção e marketing feitos no exterior. O mais provável é que esteja ocorrendo uma interação desses dois fatores.

Além das dificuldades crescentes para manter e aumentar as exportações, é interessante observar que, caso o consumo de carne bovina no Brasil ao menos se mantenha em 7.031 mil toneladas de equivalente-carcaça até 2014, ele irá demandar ainda, em comparação com as perspectivas do USDA, 280% mais carne que as exportações. O mercado interno conservará sua importância, merecendo, portanto, mais atenção por parte dos integrantes da cadeia produtiva da carne bovina.

Está claro que a produção pecuária do Brasil deve continuar avançando, mas num ambiente cada vez mais competitivo, tanto aqui quanto no exterior. E quanto mais aumenta a competitividade, mais exigente tende a ficar o consumidor. O perigo mora aí.

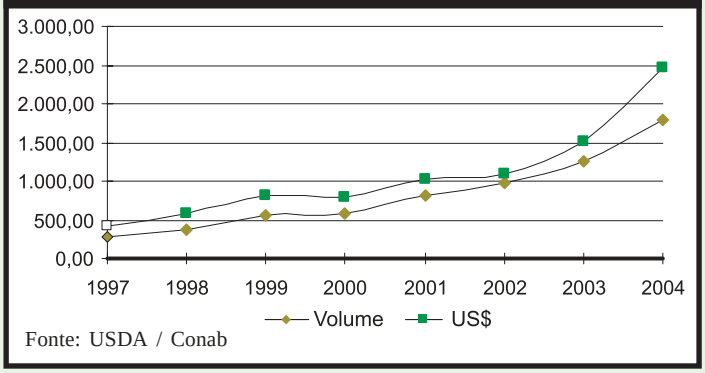
O Brasil ainda tem muito que melhorar em termos de qualidade (o que pode ser entendido como padronização), segurança alimentar e sanidade. Por exemplo, a tabela nacional de tipificação de carca-

Principais exportadores de carne bovina até 2014 em mil toneladas equivalente carcaça

Países	2005	2014	Variações %
Austrália	1.300	1.312	1
Nova Zelândia	605	549	-9
Restante da Ásia	675	564	-16
União Européia	370	440	19
Restante da Europa	32	55	72
Ucrânia	90	109	21
Argentina	600	505	-16
Brasil	1.620	1.851	14
Canadá	570	564	-1
Estados Unidos	281	828	195
Total	**6.143**	**6.777**	**10**

Fonte: USDA

Brasil: Exportações de carne bovina



Fonte: USDA / Conab

ças não saiu do papel. O que se tentou estabelecer foi uma tabela de classificação de bois, e não de carcaça, imposta pelos compradores e rechaçada pelos produtores.

O SISBOV - Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina - não avança. A rastreabilidade brasileira se limita ainda a um monitoramento capenga da vida dos animais a serem abatidos, por parcos 40 dias. É difícil achar, por exemplo, bezerros e garrotes monitorados. Os concorrentes brasileiros, no entanto, estão formalizando sistemas modernos e funcionais de rastreabilidade, deixando o maior exportador mundial de carne bovina para trás.

As campanhas de vacinação contra febre aftosa são realmente um sucesso nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, com índices de imunização sempre próximos de 100%. No entanto, em boa parte do Norte e do Nordeste, os resultados não têm se mostrado satisfatórios, o que culminou, ano passado, em casos de febre aftosa no Amazonas e no Pará.

No entanto, o problema maior da produção de carne bovina no Brasil é, provavelmente, a fragilidade e a inoperância da fiscalização sanitária. Esse fato pode ser mensurado pela discrepância entre a quantidade de abates fiscalizados e pela quantidade de couro produzida, com base em números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que divulga os abates fiscalizados, e do Centro das Indústrias de Curtume do Brasil (CICB), que informa a produção de couros.

Quanto à evolução da produção de couros e do abate de bovinos no Brasil, ainda não foi desenvolvido o clone do couro. Portanto, para cada couro produzido, um animal precisou ser abatido. Não se pode, por exemplo, produzir 35,5 milhões de couros com o abate de apenas 21,65 milhões de animais. Essa defasagem, mais uma margem de 2% (segurança), representa os abates sem fiscalização.

É verdade que a participação dos abates clandestinos está recuando ano a ano, porém, permanece elevada. Há ainda dois agravantes. Primeiro, muito provavelmente a capacidade de abate dos chamados matadouros de fundo de quintal não chega nem perto de 14 milhões de cabeças/ano, que é, mais ou menos, o montante abatido sem fiscalização no Brasil, hoje. Esse volume, para se ter uma idéia, representa mais ou menos a capacidade de abate dos 12 maiores grupos frigoríficos do País, considerando todas as suas plantas.

Outro agravante é que, boa parte dos animais que são abatidos sob fiscalização não dá origem a uma carne segura para consumo. A origem desses problemas remonta a 1971, quando o governo federal assumiu a fiscalização sanitária em todas as esferas - internacional, federal, estadual e municipal. Acabou não dando conta, e os prejuízos foram enormes, pois vários Estados acabaram por desativar os serviços que vinham sendo executados por delegação.

Em 1989, tudo voltou a ser como antes, ao menos na teoria. O Serviço de Inspeção Federal (SIF) ficou responsável apenas pela carne exportada e negociada entre os Estados. Já o mercado interno foi entregue à própria sorte, uma vez que as inspeções municipais e intermunicipais praticamente não funcionavam mais.

O resultado perverso dessa obtusidade pode ser medido, por exemplo, no Estado de São Paulo, o mais desenvolvido da União. De acordo com a Secretaria Paulista de Agricultura e Abastecimento, cerca de 430 matadouros operam sob inspeção municipal, sendo que 93% deles não têm a mínima condição higiênico-sanitária de funcionar. Cerca de 5% se enquadrariam nas normas após uma reforma, e só 2% teriam condições de receber a inspeção do Estado.

Se forem somados, portanto, os abates clandestinos com os precariamente fiscalizados, é possível supor que o montante responda por mais de 50% do total abatido. Uma lástima.

Em síntese, a produção de carne bovina no Brasil tem avançado muito nos últimos anos, tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos. A incorporação de tecnologia tem se mostrado uma ferramenta fundamental para o processo.

No entanto, mediante um mercado cada vez mais competitivo, o Brasil tem ainda muito que desenvolver em termos de sanidade e segurança alimentar. A posição de maior exportador e segundo maior produtor de carne bovina do mundo - além das condições naturais que permitem ao País colocar no mercado uma carne relativamente boa, a preços extremamente competitivos - gera um receptáculo de falsa segurança, que precisa ser quebrado.

A situação não é tão confortável quanto parece. Algumas mudanças estruturais e administrativas precisam ser implementadas com urgência. Estas devem ser seguidas pela intensificação dos trabalhos de promoção e marketing, tanto para o mercado externo quanto para o interno. O objetivo é garantir a manutenção e ampliação de mercados para a carne bovina, a fim de que a pecuária de corte avance como atividade forte e remuneradora, agraciando todos os elos da cadeia produtiva. ■

Preços da carne bovina no mercado internacional (US$/tonelada métrica)

Período	Índice FAO*	In natura Brasil	Industrializada Brasil
1999	1.894	2.944	2.559
2000	1.957	2.668	2.153
2001	2.123	2.006	2.041
2002	2.127	1.804	1.966
2003	2.112	1.862	1.988
2004	2.513	2.122	2.151
1999 a 2004	34%	-28%	-16%

Fonte: FAO / MDIC
*Carne industrializada de vaca da Austrália - CIF EUA

Brasil: Evolução da produção de couros (unidades) e dos abates bovinos (cabeças) no Brasil

Período	Couros	Abate fiscalizado	Abate sem fiscalização	Abate Total	Participação do abate sem fiscalização em %
1997	29.000.000	14.886.260	14.396.015	29.282.275	49
1998	30.000.000	14.906.476	15.395.394	30.301.870	51
1999	31.000.000	16.787.031	14.497.228	31.284.259	46
2000	32.500.000	17.085.617	15.722.671	32.808.288	48
2001	33.000.000	18.436.299	14.854.975	33.291.274	45
2002	34.500.000	19.775.163	15.019.334	34.794.497	43
2003	35.500.000	21.652.190	14.124.766	35.776.956	39
2004	40.000.000*	26.010.666	14.269.121	40.279.787	35

Fonte: CICB / IBGE / Scot Consultoria
*estimativa

*Engenheiro agrônomo; **Zootecnista; ***Médica veterinária.
Scot Consultoria - fone: (17) 3343 5111; scotconsultoria@scotconsultoria.com.br